

SVETLANA ALEKSIÉVITCH

Vozes de Tchernóbil

Crônica do futuro

Tradução do russo

Sonia Branco

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do texto © 2013 by Svetlana Aleksieévitch
Copyright de “A batalha perdida” © 2015 by The Nobel Foundation

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Чернобыльская молитва

Capa

Daniel Trench

Foto de capa

Classroom, Pripjat, 2001 © Robert Polidori

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Jane Pessoa

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aleksieévitch, Svetlana

Vozes de Tchernóbil / Svetlana Aleksieévitch; tradução do russo
Sonia Branco. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: Чернобыльская молитва.

ISBN 978-85-359-2708-5

1. Acidente Nuclear — Byelarus — Entrevista 2. Acidentes, radiação — Byelarus — narrativas pessoais História do Século 20 — Byelarus — Entrevista 3. Chernobyl acidente nuclear, Chornobyl, Ucrânia, 1986 — Aspectos sociais — Bielorrússia 4. Chernobyl acidente nuclear, Chornobyl, Ucrânia, 1986 — Aspectos ambientais — Bielorrússia 5. Chernobyl acidente nuclear, Chonobyl, Ucrânia, 1986 — Narrativas pessoais, bielorusso 6. Lesões por Radiação — Byelarus — Narrativas pessoais Acidentes, radiação — Byelarus — Entrevista 7. Sobreviventes — Byelarus — Entrevista. Sobreviventes — Byelarus — Narrativas pessoais I. Título.

16-01832

CDD-363.179909477622

Índice para catálogo sistemático:

1. Chernobyl: Acidentes nucleares, Ucrânia, 1986 : Narrativas pessoais 363.179909477622

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Nota histórica	9
Uma solitária voz humana	16
Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo	39
PRIMEIRA PARTE: A TERRA DOS MORTOS	53
Coro de soldados	101
SEGUNDA PARTE: A COROA DA CRIAÇÃO.....	123
Coro do povo	225
TERCEIRA PARTE: A ADMIRAÇÃO PELA TRISTEZA.....	239
Coro de crianças	339
Uma solitária voz humana	350

A título de epílogo	365
Apêndice — A batalha perdida	367

Nota histórica

Belarús*... Para o mundo, somos uma terra incógnita — uma terra totalmente desconhecida. “Rússia Branca”: é mais ou menos assim que o nome do nosso país soa em inglês. Já Tchernóbil todos conhecem; no entanto, relacionam-no apenas à Ucrânia e à Rússia. Um dia ainda deveríamos contar a nossa história...

Naródnaia Gazeta, 27 abr. 1996

No dia 26 de abril de 1986, à 1h23min58, uma série de explosões destruiu o reator e o prédio do quarto bloco da Central Elétrica Atômica (CEA) de Tchernóbil, situado bem próximo à fronteira da Belarús. A catástrofe de Tchernóbil se converteu no mais grave desastre tecnológico do século xx.

* Denominação oficial da Bielorrússia naquele país. No texto optou-se por empregar a transliteração tanto do bielorrusso (Belarús) como do russo (Bielorrússia). [Esta e as demais notas são do tradutor.]

Para a pequena Belarús (com uma população de 10 milhões de habitantes), o acidente representou uma desgraça nacional, levando-se em conta que ali não havia nenhuma central atômica. Tratava-se de um país agrário com predomínio de populações rurais. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, os nazistas destruíram 619 aldeias no país, com toda a sua população. Depois de Tchernóbil, o país perdeu 485 aldeias: setenta delas estão sepultadas sob a terra para sempre. A mortalidade na guerra foi de um para cada quatro bielorrussos; hoje, um em cada cinco vive em território contaminado. São 2,1 milhões de pessoas, dentre as quais 700 mil crianças. Dentre os fatores de descenso demográfico, a radiação ocupa o primeiro lugar. Nas regiões de Gómel e Moguilióv (as mais afetadas pelo acidente), a mortalidade superou a natalidade em 20%.

As explosões lançaram na atmosfera 50×10^6 Ci de radionuclídeos, dos quais 70% caíram sobre a Belarús: 23% do seu território está contaminado por radionuclídeos de densidade superior a 1 Ci/km² de céσιο-137. Para fins de comparação: a Ucrânia teve 4,8% do seu território contaminado, e a Rússia 0,5%. A superfície das terras cultiváveis que possuem concentração radiativa de 1 Ci/km² ou mais representa 1,8 milhão de hectares; de estrôncio-90 com concentração de 0,3 Ci/km² ou mais, cerca de 0,5 milhão de hectares. A produção agrícola perdeu 264 mil hectares de terra. A Belarús é um país de bosques, mas 205 deles e mais da metade dos seus prados no leito dos rios Prípiat, Dniepr e Soj se encontram nas zonas de contaminação radiativa.

Em consequência da ação constante de pequenas doses de radiação, a cada ano cresce no país o número de doentes de câncer, de deficientes mentais, de pessoas com disfunções neuropsicológicas e com mutações genéticas.

“Tchernóbil”. *Bielarússkaia Entsiklopédia*, 1996, pp. 7, 24, 49, 101, 149

De acordo com observações diversas, em 29 de abril de 1986 foram registrados altos níveis de radiação na Polônia, na Alemanha, na Áustria e na Romênia; em 30 de abril, na Suíça e no norte da Itália; nos dias 1º e 2 de maio, na França, na Bélgica, nos Países Baixos, na Grã-Bretanha e no norte da Grécia; em 3 de maio, em Israel, no Kuwait e na Turquia...

Projetadas a grandes alturas, as substâncias gasosas e voláteis se dispersaram pelo globo: em 2 de maio foram registradas no Japão; no dia 4, na China; no dia 5, na Índia; e em 5 e 6 de maio, nos Estados Unidos e no Canadá.

Em menos de uma semana, Tchernóbil se tornou um problema para o mundo inteiro.

“Consequências do acidente de Tchernóbil na Belarús”.

Minsk, Escola Superior Internacional
de Radioecologia Sákharov, 1992, p. 82

O quarto reator, cuja instalação denominava-se “Abrigo”, continua guardando nas suas entranhas de chumbo e concreto armado cerca de duzentas toneladas de material nuclear. Entretanto, parte do combustível se misturou ao grafite e ao concreto. O que ocorre atualmente com esse material, ninguém sabe.

O sarcófago foi erigido às pressas; tratava-se de uma construção única no gênero, e os engenheiros de São Petersburgo que a elaboraram devem certamente ter se orgulhado dela. A instalação deveria manter-se em funcionamento por trinta anos. No entanto, montaram-na “à distância”, as pranchas foram unidas com auxílio de robôs e helicópteros e, dessa forma, deixaram fendas.

Atualmente, de acordo com alguns dados, a superfície total de zonas defeituosas e fendidas ultrapassa duzentos metros quadrados, por onde continuam a escapar aerossóis radiativos. Se o vento sopra do norte, a atividade radiativa é detectada no sul: urânio, plutônio, céσιο. Em dias ensolarados é possível ver na sala do reator, com a luz apagada, colunas de luz que caem do teto. O que é isso? A chuva também penetra no reator, e quando a água cai sobre a massa de combustível, torna possível uma reação em cadeia.

O sarcófago é um defunto que respira. Respira morte. Quanto tempo ainda se sustentará? A isso ninguém responde. Até hoje é impossível se aproximar de muitos dos seus blocos e construções para estabelecer o grau de segurança. Porém, todos compreendem que a destruição do “Abrigo” traria consequências ainda mais terríveis que aquelas de 1986.

Ogoniók, n. 17, abr. 1996

Antes de Tchernóbil, havia 82 casos de doenças oncológicas para cada 100 mil habitantes. Hoje a estatística indica que há 6 mil doentes para os mesmos 100 mil habitantes. Os casos multiplicaram-se quase 74 vezes.

A mortalidade nos últimos dez anos cresceu em 23,5%. De cada catorze pessoas, em geral ainda aptas a trabalhar, entre 46 e cinquenta anos, apenas uma morre de velhice. Nas regiões mais contaminadas, as inspeções médicas indicaram que de cada dez pessoas, sete estão doentes. Ao visitar a zona rural, você se assusta com o espaço ocupado por cemitérios...

Até hoje muitas cifras são desconhecidas. São mantidas em segredo, de tão monstruosas que são! A União Soviética enviou para o local

da catástrofe 800 mil soldados em serviço de urgência e convocou “liquidadores”.* A média de idade destes últimos era de 33 anos. Os mais jovens saíram da escola diretamente para o serviço.

Só na lista de liquidadores da Belarús contam-se 115 493 pessoas. Segundo dados do Ministério da Saúde, de 1990 a 2003 morreram 8553 liquidadores. Duas pessoas por dia.

Assim começa a história: no ano de 1986, começam a aparecer reportagens sobre o julgamento dos acusados pela catástrofe de Tchernóbil nas primeiras páginas dos jornais soviéticos e estrangeiros.

Mas, agora, imagine um prédio de cinco andares vazio. Uma casa sem moradores, mas com objetos, mobílias e roupas — coisas que ninguém nunca mais poderá usar, porque essa casa fica em Tchernóbil. Pois é justamente numa dessas casas da cidade morta que se realiza uma pequena conferência para a imprensa, oferecida pelas pessoas encarregadas de levar a cabo o julgamento dos acusados pelo acidente atômico. Nas instâncias mais altas do poder, no Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, considerara-se necessário examinar as causas do delito in loco. Na própria cidade de Tchernóbil. O tribunal se constituiu no prédio da Casa da Cultura local. No banco dos réus havia seis pessoas: o diretor da central atômica, Víktor Briukhánov; o engenheiro-chefe, Nikolai Fomín; o substituto do engenheiro-chefe, Anatóli Diátlov; o chefe do turno, Boris Rogójkin; o chefe da seção do reator, Aleksandr Kovaliénko; e o inspetor do Serviço Estatal de Inspeção de Energia Atômica da União Soviética, Iuri Láuchkin.

Os assentos destinados ao público estavam vazios, ocupados apenas por alguns jornalistas. Aliás, já não vivia mais ninguém

* Homens encarregados de minimizar as consequências do acidente de Tchernóbil. Convocados ou voluntários, foram responsáveis por apagar o incêndio, construir o sarcófago e enterrar todos os vestígios de radiação.

por lá, a cidade estava “fechada” por ser “zona de controle radiativo severo”. Não seria esse o motivo de terem-na escolhido como local do julgamento? Quanto menos testemunhas, menor o barulho. Não havia operadores de câmera nem jornalistas estrangeiros. Decerto todos gostariam de ver no banco dos réus as dezenas de funcionários de Moscou igualmente responsáveis. E todo o estamento científico, à época do acidente, deveria ter sido obrigado a assumir as suas responsabilidades. Mas se conformaram com a “arraia-miúda”.

Saiu a sentença: Víktor Briukhánov, Nikolai Fomín e Anatóli Diátlov receberam pena de dez anos. Para os outros, as penas foram menores. No final, Anatóli Diátlov e Iuri Láuchkin morreram em consequência da exposição às fortes radiações. O engenheiro-chefe Nikolai Fomín enlouqueceu. Por outro lado, o diretor da central nuclear Víktor Briukhánov cumpriu toda a sentença, todos os dez anos, ao fim dos quais os seus familiares e alguns jornalistas foram recebê-lo. O acontecimento passou despercebido. O ex-diretor vive atualmente em Kíev e trabalha como simples escrevente em uma empresa.

Assim termina a história.

Em breve a Ucrânia empreenderá uma obra de grande envergadura. Sobre o sarcófago que cobriu, em 1986, o quarto bloco destruído da CEA de Tchernóbil, aparecerá um novo abrigo que será designado de “Arca”. Da realização desse projeto participam 28 países doadores, cujas inversões iniciais de capital ultrapassam 768 milhões de dólares. Esse novo abrigo deve durar não trinta, mas cem anos. A grandiosidade da sua construção se deve à necessidade de um volume que possa dar conta dos trabalhos de sepultamento dos resíduos. Serão necessárias fundações colossais, prevendo-se a produção de material rochoso artificial feito a

base de colunas e chapas de concreto armado. Em seguida, há que se preparar o depósito para onde serão trasladados os resíduos radiativos extraídos do velho sarcófago. O novo abrigo será confeccionado em aço de alta qualidade, capaz de resistir às radiações gama. Só em metal, serão empregadas 18 mil toneladas.

A “Arca” será uma instalação sem precedentes na história da humanidade. Em primeiro lugar, as suas proporções surpreendem. A dupla cobertura alcançará 1509 metros de altura. E esteticamente se assemelhará à torre Eiffel.

Informações compiladas de publicações bielorrussas
na internet entre os anos 2002 e 2005

Uma solitária voz humana

Não sei do que falar... Da morte ou do amor? Ou é a mesma coisa? Do quê?

Estávamos casados havia pouco tempo. Ainda andávamos na rua de mãos dadas, mesmo quando entrávamos nas lojas. Sempre juntos. Eu dizia a ele “eu te amo”. Mas ainda não sabia o quanto o amava. Nem imaginava... Vivíamos numa residência da unidade dos bombeiros, onde ele servia. No segundo andar. Ali viviam também três famílias jovens, e a cozinha era comunal. Embaixo, no primeiro andar, guardavam os carros, os carros vermelhos do corpo de bombeiros. Esse era o trabalho dele. Eu sempre sabia onde ele estava e o que se passava com ele. No meio da noite, ouvi um barulho. Gritos. Olhei pela janela. Ele me viu: “Feche a persiana e vá se deitar. Há um incêndio na central. Volto logo”.

A explosão, propriamente, eu não vi. Apenas as chamas, que iluminavam tudo... O céu inteiro... Chamas altíssimas. Fuligem. Um calor terrível. E ele não voltava. A fuligem se devia à ardência do betume, o teto da central estava coberto de asfalto. As pessoas andavam sobre o teto como se fosse resina, como depois ele me

contou. Os colegas sufocavam as chamas, enquanto ele rastejava. Subia até o reator. Arrastavam o grafite ardente com os pés... Foram para lá sem roupa de lona, com a camisa que estavam usando. Não os preveniram, o aviso era de um incêndio comum...

Quatro horas... Cinco horas... Seis... Nós tínhamos combinado de ir às seis horas à casa dos pais dele, para plantar batatas. Da cidade de Prípiat até a aldeia Speriije, onde viviam, são quarenta quilômetros. Nós íamos lá semear, arar... Era o trabalho favorito do meu marido... A mãe dele sempre se lembra de que ela e o pai não queriam deixá-lo ir para a cidade, chegaram a construir uma casa nova. Mas ele foi convocado pelo Exército. Serviu em Moscou nas tropas dos bombeiros e quando voltou só queria ser bombeiro. Nada mais. (*Silêncio.*)

Às vezes parece que escuto a voz dele... Que está vivo... Nem as fotografias me tocam tanto quanto a voz dele. Mas ele nunca me chama. Nem em sonhos... Sou eu que o chamo...

Sete horas... Às sete horas me avisaram que ele estava no hospital. Corri até lá, mas havia um cordão de policiais em torno do prédio, ninguém passava. As ambulâncias chegavam e partiam. Os policiais gritavam: “Os carros estão com radiação, não se aproximem”. Eu não era a única, todas as mulheres cujos maridos estavam na central naquela noite vieram correndo, todas. Quando vi saltar de um carro uma conhecida que trabalhava como médica no hospital, corri e a segurei pelo jaleco:

“Me deixe entrar!”

“Não posso! Ele está mal. Todos estão mal.”

Agarrei-a com força:

“Só quero ver o meu marido.”

“Está bem”, ela disse. “Vamos correr. Mas só por quinze, vinte minutos.”

Eu o vi... Estava todo inchado, inflamado... Os olhos quase não apareciam...

“Ele precisa de leite. Muito leite!”, ela me disse. “Eles devem beber ao menos três litros.”

“Mas ele não bebe leite.”

“Agora vai ter de beber.”

Muitos médicos, enfermeiras e, sobretudo, as auxiliares daquele hospital, depois de algum tempo, começaram a adoecer. Mais tarde morreriam. Mas na época ninguém sabia disso...

Às dez horas da manhã morreu o técnico Chichenok... Foi o primeiro... No primeiro dia... Logo soubemos de outro que tinha ficado debaixo dos escombros, Valera Khodemtchuk. Não conseguiram retirá-lo, foi emparedado no concreto. Mas ainda não sabíamos que estes seriam apenas os primeiros.

Perguntei:

“Vássienka, o que é que eu faço?”

“Vá embora daqui! Vá embora! Você vai ter um filho.”

Eu estava grávida. Mas como deixá-lo? Ele suplicava:

“Vá embora! Salve a criança!”

“Primeiro eu vou te trazer leite, depois decidimos.”

Então, a minha amiga Tânia Kibénok chegou... O marido também estava nessa mesma enfermaria. Ela veio com o pai de carro e partimos juntas para a aldeia mais próxima, que ficava a uns três quilômetros da cidade. Compramos várias garrafas de três litros de leite. Umas seis garrafas, que dessem para todo mundo... Mas o leite provocou vômitos terríveis, eles perdiam os sentidos, e por isso os puseram no soro. Os médicos, por algum motivo, nos afirmavam que eles tinham se envenenado com gases, ninguém falava em radiação.

No entanto, a cidade ficou lotada de veículos militares, todas as estradas foram fechadas. Havia soldados por toda parte. Os trens regionais e expressos pararam de circular. As ruas eram lavadas com uma espécie de pó branco... Fiquei assustada: como iria, no dia seguinte, à aldeia comprar leite fresco? Ninguém fala-

va em radiação, só os militares circulavam com máscaras respiratórias... As pessoas compravam os seus pães, saquinhos com doces e pastéis nos balcões... A vida cotidiana prosseguia. Só que... as ruas eram lavadas com uma espécie de pó...

À noite, já não me deixaram entrar no hospital. Havia um mar de gente ao redor... Fiquei em pé debaixo da janela da enfermaria; ele se aproximou e gritou alguma coisa para mim. Parecia desesperado! Alguém na multidão entendeu o que ele disse: seriam levados àquela noite para Moscou. Todas nós, esposas, nos juntamos. Decidimos: vamos com eles. “Que nos deixem ir com os nossos maridos! Vocês não têm direito!” Lutamos, nos atracamos com os soldados, que já haviam formado um cordão duplo e nos empurravam. Foi então que um médico surgiu e confirmou que os doentes seriam levados de avião para Moscou, e que era preciso roupas para eles, pois as usadas na central haviam sido queimadas. Os ônibus já não circulavam, então atravessamos a cidade correndo. Quando finalmente voltamos com as sacolas, o avião já tinha partido. Fomos enganadas de propósito. Para evitar que gritássemos, que chorássemos...

Noite... De um lado da rua havia muitos ônibus, centenas de ônibus (já preparavam a cidade para a evacuação), e do outro centenas de carros de bombeiro, que haviam sido trazidos de toda parte. A rua inteira estava coberta por uma espuma branca, e nós caminhávamos por ela... Gritando e praguejando...

Pelo rádio, éramos advertidos da necessidade de evacuar a cidade dentro de três a cinco dias, que levássemos conosco agasalhos e roupas esportivas, que iríamos viver nos bosques. Em baracas. As pessoas chegaram a se alegrar: “Vamos à natureza! Vamos comemorar o feriado de Primeiro de Maio”. Algo incomum. Prepararam carne assada, compraram vinho. Levaram violões, toca-fitas. Adoráveis festas de maio. Só as mulheres que tiveram os maridos vitimados choravam.

Não me recordo da viagem... Só despertei quando vi a mãe dele: “Mamãe, Vássia está em Moscou! Foi levado num voo especial!”

Terminamos de semear a horta: batatas, repolho (e daí a uma semana a aldeia seria evacuada!). Quem poderia saber? Quem poderia então saber? À noite, tive um ataque de vômito. Estava no sexto mês de gravidez, me sentia tão mal... Durante a madrugada, sonhei que ele me chamava, ainda estava vivo, me chamava em sonho: “Liúcia! Liúcienska!”. Mas depois que morreu, não me chamou nem uma vez. Nem uma vez... (*Chora.*) Levantei cedo com a ideia de ir sozinha a Moscou... “Aonde você vai desse jeito?”, chorava a mãe dele. Encontramos seu pai no caminho: “Deixe que eu a acompanhe”. E tirou de uma caderneta o dinheiro que possuía. Todo o dinheiro.

Não me recordo da viagem, nem lembro qual foi o caminho que fizemos... Em Moscou, perguntamos ao primeiro policial que encontramos para que hospital tinham sido transferidos os bombeiros de Tchernóbil, e ele nos respondeu; eu até me surpreendi, porque nos haviam assustado: seria um segredo de Estado, totalmente secreto.

“Para a clínica número 6, na Schúkinskaia.”

Nesse hospital, que era uma clínica especial de radiologia, era proibido entrar sem autorização. Ofereci dinheiro ao vigia, que me disse: “Entre”. Disse também a qual andar eu deveria me dirigir. Não sei a quem mais tive de suplicar, implorar... mas, por fim, cheguei ao gabinete da chefe de seção de radiologia, Anguelina Vassílievna Guskova. Até então eu ainda não sabia como ela se chamava, não conseguia pensar em nada. A única coisa que eu sabia é que tinha de ver, encontrar o meu marido...

Ela imediatamente me perguntou: “Querida! Pobrezinha... Você tem filhos?”

Como dizer a verdade? Estava claro que eu devia esconder a minha gravidez, ou não me deixariam vê-lo! Ainda bem que eu era muito magra e não se notava nada.

“Tenho”, respondi.

“Quantos?”

Eu pensei: “É melhor dizer dois. Se disser um, talvez não passe”.

“Um menino e uma menina.”

“Se são dois, então, creio que não terá mais. Agora escute: o sistema nervoso central foi completamente atingido, a medula está totalmente afetada.”

“Bem”, pensei, “ele deve estar mais nervoso.”

“Mais uma coisa: se você chorar, eu a retiro de lá imediatamente. É proibido abraçar e beijar. Não se aproxime muito. Você tem meia hora.”

Mas eu sabia que não iria embora dali. Só iria com ele. Eu havia jurado a mim mesma!

Entrei... Os rapazes estavam sentados na cama, jogando cartas e rindo.

“Vássia!”, gritei.

“Ô, meu pai, estou perdido! Até aqui ela me encontra!”

Ele estava engraçado, vestia um pijama número 48, quando o seu número era 52. As mangas e as calças estavam curtas. O inchaço do rosto havia regredido, e estavam lhe injetando alguma solução.

“Por que perdido?”, perguntei.

Ele quis me abraçar.

“Fique aí sentado”, disse o médico, impedindo que se aproximasse de mim. “Nada de abraços aqui.”

Não sei por quê, mas tomamos isso como brincadeira. E nesse momento todos se aproximaram de nós, vieram também de outros quartos. Eram todos nossa gente. De Prípiat. Ao todo, 28 pessoas foram trazidas de avião. “O que está acontecendo por lá?”

Como estão as coisas na nossa cidade?” Eu respondi que ela estava começando a ser evacuada, que tinham levado as pessoas para fora da cidade por três ou cinco dias. Os rapazes ficaram em silêncio; havia duas mulheres, uma delas estava de guarda no dia do acidente e chorou:

“Meu Deus! Os meus filhos estão lá. O que será deles?”

Eu queria ficar a sós com o meu marido, nem que fosse por uns minutinhos. Os rapazes perceberam isso, arrumaram pretextos e saíram para o corredor. Eu então o abracei e beijei. Ele se afastou:

“Não fique perto de mim. Pegue uma cadeira.”

“Tudo isso é bobagem”, respondi, dando de ombros. “Você viu o local da explosão? O que aconteceu? Vocês foram os primeiros a chegar lá...”

“É claro que foi sabotagem. Alguém fez de propósito. Todos os rapazes são dessa opinião.”

Então era isso que diziam. E acreditavam.

No dia seguinte, quando cheguei, eles estavam alojados cada um num quarto, separados. Tinham proibido categoricamente que saíssem até o corredor. E que falassem entre si. Mas eles se comunicavam por batidas na parede: ponto-traço, ponto-traço... Ponto... Os médicos justificaram a separação dizendo que cada organismo reage de maneira diferente às doses de radiação: o que um suporta, outro pode não suportar. No quarto em que eles estavam antes, até as paredes reagiam ao contador Geiger. À direita, à esquerda, e no andar de baixo... Todos foram tirados dali. Esvaziaram os espaços abaixo e acima deles...

Passei três dias na casa de conhecidos em Moscou. Eles me diziam: pegue panelas, tigelas, tudo de que precisar, não se acanhe. Assim é que eram essas pessoas... Assim é que eram! Eu fazia sopa de peru para seis pessoas. Seis dos nossos rapazes... Os bombeiros... Do mesmo turno... Todos eles estavam de plantão

naquela noite: Vaschúk, Kibénok, Titiónok, Pravík, Tischúra. Comprei escovas, pasta de dentes e sabonetes para todos. Não havia nada disso no hospital. Comprei toalhas pequenas... Hoje fico impressionada com aqueles amigos que aceitaram me receber; eles, evidentemente, temiam o contágio, não podia ser diferente, já corria todo tipo de rumores, mas, apesar disso, estavam dispostos a me ajudar: “Pegue tudo o que for necessário. Pegue! Como ele está? Como estão todos? Eles vão viver?”. Viver... (*Silêncio.*)

Naqueles dias encontrei muitas pessoas solidárias, não me lembro de todas. E o meu mundo se reduziu a um único ponto... Ele... Apenas ele... Eu me lembro de uma enfermeira auxiliar mais velha que começou a me preparar: “Algumas enfermidades não se curam. Você deve sentar ao lado dele e acariciar a sua mão”.

De manhã cedo eu ia ao mercado e voltava para preparar a sopa dos rapazes. Tinha de limpar as carnes e os legumes, esfarelar e repartir em porções. Um deles me pediu: “Traga uma maçã”. Seis jarras com meio litro de sopa... Sempre seis! No hospital, eu ficava até o anoitecer. E à noite, voltava para o outro lado da cidade. Por quanto tempo eu resistiria? Mas depois de três dias me ofereceram ficar no hotel destinado ao pessoal do hospital, na área do próprio hospital. Deus, que felicidade!

“Mas lá não tem cozinha. Como posso preparar as refeições deles?”

“Você não precisa preparar mais nada. O estômago deles parou de absorver alimentos.”

O meu marido começou a mudar; cada dia eu via nele uma pessoa diferente... As queimaduras saíam para fora... Na boca, na língua, nas maçãs do rosto; de início eram pequenas chagas, depois iam crescendo. As mucosas caíam em camadas, como películas brancas. A cor do rosto, a cor do corpo... Azulada... Avermelhada... Cinza-escuro... E, no entanto, tudo nele era tão meu, tão querido! É impossível contar! Impossível escrever! E mesmo

sobreviver... O que salvava era que tudo acontecia de maneira instantânea, de forma que não dava tempo de pensar, não dava tempo de chorar.

Eu o amava! Eu ainda não sabia como o amava! Tínhamos nos casado havia tão pouco tempo... Ainda não tínhamos tido tempo de nos saciar um do outro... Andávamos na rua, ele me tomava nos braços e me girava. E me beijava, beijava. As pessoas passavam por nós e sorriam.

O processo clínico de uma doença aguda do tipo radiativo dura catorze dias. No 14º dia, o doente morre.

No primeiro dia que passei no hotel, os dosimetristas já mediram os meus níveis. A roupa, a bolsa, o porta-moedas, os sapatos, tudo “ardia”. Levaram tudo. Até a roupa de baixo. Só não tocaram no dinheiro. Em troca, deixaram uma bata de hospital tamanho 56, apesar de eu vestir 44; e sapatos 43, em vez dos meus 37. Disseram que talvez pudessem devolver a roupa, talvez não, porque dificilmente se poderia “limpar”. Foi desse jeito que eu apareci para ele. Ele se assustou:

“Minha nossa, o que houve com você?”

Apesar de tudo, eu dava um jeito de preparar a sopa. Punha uma jarra de vidro no aparelho de ferver água e jogava ali pedacinhos de frango, bem pequenininhos. Depois alguém me emprestou uma panela, acho que foi a faxineira ou a auxiliar. Alguém conseguiu uma tábua de cortar verduras. Eu não podia ir ao mercado com a roupa do hospital, mas alguém sempre me trazia verduras. Era tudo em vão, ele já não conseguia beber, nem mesmo engolir um ovo cru. E eu que estava sempre tentando conseguir alguma coisa apetitosa! Achava que isso poderia ajudar.

Um dia, fui até o correio:

“Moça, eu preciso ligar com urgência para os meus pais em Ivano-Frankovsk. O meu marido está morrendo.”